

Gumbrecht *in* Serguei Rock Show: experiências estéticas¹

Tarcis Prado Júnior²
Universidade Tuiuti do Paraná, PR

RESUMO

Este trabalho pretende identificar as “pequenas crises” de Gumbrecht (2006) nas cenas de Serguei Rock Show, programa de TV do canal pago Multishow em sua versão online. Foram analisadas cinco cenas de cinco episódios desse programa em relação ao seu conteúdo narrativo e imagético. As cenas escolhidas foram as que o protagonista aborda o sexo (as “dicas de sexo”) atuando por vezes como pseudoautoridade no assunto. Os resultados mostram que a experiência estética de Gumbrecht pode ter lugar em programas de TV nos fragmentos mais inusitados e paradoxalmente triviais possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: multishow; estética; Serguei; semiótica; Gumbrecht.

INTRODUÇÃO

Gumbrecht, em sua obra *Pequenas Crises: experiência estética nos mundos cotidianos* (2006) afirma que

apesar de apontar para um novo estado universal do mundo, sempre será uma exceção que, de maneira totalmente natural e de acordo com cada situação individual, desperta em nós o desejo de detectar as condições (excepcionais) que a tornaram possível. Uma vez que ela se opõe ao fluxo da nossa experiência cotidiana, os momentos da experiência estética se parecem com pequenas crises (2006, p. 51).

Para explicar o conceito o autor remete suas ilustrações a situações por vezes prosaicas em que acontecem (GUMBRECHT, 2006) interrupções no fluxo da vida cotidiana.

O cinema, assim como os programas de TV, proporcionam ao espectador as condições para a apreensão da estética, tanto no nível narrativo quanto visual. Nesses

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Doutorando do PPGCOM da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e professor na mesma instituição. tarcisjr@yahoo.com.br.

veículos, a simbiose de ambos é que vai produzir por vezes, os efeitos desejados em relação a mensagem mas a recepção do (tele)espectador³ é o que define o próprio sentido dessa experiência, entendida aqui como estética.

O programa *Serguei Rock Show*, exibido no canal pago Multishow, no ano de 2011, em versão online, mostra o roqueiro Serguei em diversos quadros falando sobre música, cantando, por vezes entrevistando pessoas e também criticando moda e comportamento. Em todos os dez episódios produzidos pelo canal, existe um quadro em que o cantor dá “dicas de sexo” e são esses recortes que são mostrados como exemplo do que Gumbrecht entende como “experiências estéticas” no âmbito das pequenas crises. Pela abordagem não convencional na expressividade e cenários envolvidos, as dicas de sexo de Serguei são fragmentos que revelam o valor conceitual de Gumbrecht em sua abordagem estética.

GUMBRECHT: AS PEQUENAS CRISES

Gumbrecht (2006) chama de pequenas crises os momentos em que o fluxo do cotidiano é interrompido por acontecimentos envolvendo objetos que durante muito tempo nos foi familiar e, de repente e sem qualquer motivo visível, ganha uma aparência estranha ou causa um sentimento de estranheza. O autor ilustra esse conceito a partir da sua experiência ao fazer a barba:

Acontece comigo, mais ou menos uma vez por semana, que, ao fazer a barba de manhã, as minhas orelhas aparecem como um acréscimo alheio ao meu rosto, na maneira com que aparece no espelho. Sua forma se torna estranha, quase grotesca; elas parecem supérfluas e desnecessárias em relação à sua função. Às vezes sinto um embaraço por sua causa, mesmo não havendo ninguém olhando para mim. (GUMBRECHT, 2006 p. 55)

O que interessa nesse estudo é a perspectiva das pequenas crises no fortuito, no repentino e não na continuidade, na rotina que o autor destaca quando propõe que a experiência estética pode também estar no uso contínuo do objeto, como no exemplo da cadeira confortável (ao estilo Bauhaus). Diz ele:

³ O termos escrito entre parênteses (tele) sugere que o espectador pode ser ”tele” no sentido clássico de alguém que vê TV ou simplesmente a assiste pela web (já que o programa é transmitido somente na rede).

As cadeiras têm como finalidade se adaptarem de maneira otimizada à anatomia e à fisionomia do corpo humano, providenciando, assim, mais conforto às pessoas nelas sentadas. Ora, se você se sentir confortável numa dessas cadeiras desde o início, você, no entanto, se dará cada vez mais conta (se é que se dá conta) de como esse bom sentimento é o resultado do design da cadeira. (GUMBRECHT, 2006, p. 57).

A experiência estética nos mundos cotidianos, apesar de apontar para um novo estado universal do mundo, sempre será uma exceção que, de maneira totalmente natural e de acordo com cada situação individual, desperta em nós o desejo de detectar as condições (excepcionais) que a tornaram possível (GUMBRECHT, 2006). O autor então propõe algumas situações em que essas crises no cotidiano podem acontecer.

A primeira delas é o exemplo do papel higiênico nos hotéis mundo afora. Em muitos desses estabelecimentos, o pessoal da limpeza deixa o papel dobrado, bem ao estilo origami, para que o hóspede talvez sinta que aquele local é diferente do da sua casa, como se representasse uma quebra na sua rotina em sua versão mais prosaica. Gumbrecht tem uma pista mais pragmática sobre esses ornamentos: seria uma forma de os funcionários preverem quando será preciso uma nova troca de rolos. No entanto, (GUMBRECHT, 2006 p. 51) os ornamentos podem desencadear um tipo de experiência estética que se impõe como uma interrupção dentro do fluxo da nossa vida cotidiana. Quer dizer, a vida comum nas mais simples situações podem suscitar momentos em que a rotina é quebrada por objetos, cores, formas, barulhos, sensações, enfim, movimentos sinestésicos que podem proporcionar experiências estéticas as quais as pessoas sempre se recordarão.

A segunda situação que o autor aborda em seu texto é o exemplo do movimento “Nova Objetividade”, muito discutida entre os protagonistas do Bauhaus, onde o valor estético de um objeto estaria na sua forma voltada a sua funcionalidade.

Trata-se da convicção de que um máximo de adaptação da forma de um objeto à sua função produziria necessariamente o mais alto valor estético. “Quanto mais funcional, mais bonito”, teria sido o lema apropriado. (GUMBRECHT, 2006, p. 51)

E a terceira situação que Gumbrecht aborda no texto é o exemplo do que chamamos de “comida chique”, “roupa da moda” e elegância na solução de problemas matemáticos complexos, por exemplo. Para ele:

o que esses tipos de "experiência estética na vida cotidiana" compartilham é sua condição de “excepcionais” dentro de um contexto maior. Mas elas são diferentes entre si na medida em que cada uma depende de uma constelação diferente de circunstâncias (poderíamos dizer também: na medida em que cada uma pertence a uma outra modalidade de crise). (GUMBRECHT, 2006, p. 52).

Para Gumbrecht (2006, p. 54) o *conteúdo da experiência estética* seriam os sentimentos íntimos, as impressões e as imagens produzidos pela nossa consciência – enquanto inacessíveis aos nossos mundos historicamente específicos. A impressão de uma "finalidade sem fim", por exemplo, de um "Ser desvelado" ou de um objeto e seu conceito e sua "aparência", uma vez que são desvinculados do seu contexto. Diferentemente desse conteúdo, os *objetos da experiência estética* seriam as coisas suscetíveis de desencadear tais sentimentos, impressões e imagens, o templo grego, no ensaio de Heidegger, por exemplo, ornamentos de papel de parede e o mar para Kant e, de acordo com Seel, qualquer objeto. As *condições da experiência estética* são circunstâncias situacionais historicamente específicas nas quais a experiência estética estaria baseada. "Desinteresse", por exemplo, isto é, a distância diante de todos os propósitos práticos que nós viemos adotando como uma condição universal da experiência estética (mesmo se tudo indica que se tornou sua pressuposição na cultura ocidental somente desde o século XVIII). E, finalmente, podemos chamar de *leitos da experiência estética* as consequências e as transformações decorrentes pela experiência estética, que permanecem válidos além do momento exato em que ocorrem.

Os conteúdos da experiência estética se nos apresentam como epifânicos, isto é, eles aparecem repentinamente ("como um relâmpago") e desaparecem de repente e irreversivelmente, sem permitir-nos permanecer com eles ou de estender sua duração (GUMBRECHT, 2006, p. 55). As cenas do programa de TV escolhidas, sublimando-se o aspecto *nonsense*, demonstram o que o autor quer dizer nessa epifania, o que veremos mais à frente.

Por fim, o autor conclui seu texto sobre as pequenas crises, mostrando que a experiência estética de fruir uma música erudita moderna, ou, no exemplo que ela mesma nos fornece, certas formas de jazz altamente sofisticadas (GUMBRECHT, 2006, p. 63) as quais é exigido um grau tão grande de conhecimento sobre a música que essa experiência estética poderia até provocar a exclusão social. Sobre isso, as dicas de Serguei, no plano narrativo não promovem a exclusão, pelo contrário, eleva o popular e acessível à última potência que poderia até promover a inclusão sem barreiras.

SERGUEI: O DIVINO DO ROCK

Sérgio Augusto Bustamente, mais conhecido como Serguei, é carioca do bairro de Rio Comprido, zona norte do Rio de Janeiro. É filho único de um funcionário da IBM e uma dona de casa e teve forte influência de sua avó com quem foi morar nos Estados Unidos, em sua juventude. Sempre à frente de sua época, aos 17 anos já andava por Copacabana – em plenos anos 1950 – com camiseta preta, barriga de fora, calças saint-tropez, cintura baixa, botas de salto alto e cinto vermelho. Como ele mesmo reconhece: “Era um escândalo!” (Schiller, 1997 p. 21).

Figura 1 – Serguei na juventude



Fonte: site UOL.

Em seu depoimento para o livro de João Henrique Schiller (1997), o músico diz que sempre viveu uma vida sob risco, despreziosa e pautada pela exacerbação da sexualidade: “Posso ser muito rock n’roll, muito underground, muito pele...Mas tenho muito Hollywood em mim, muita purpurina, e sempre fui muito puto”. (Schiller, 1997 p. 21).

Na carreira profissional, o roqueiro teve altos e baixos, muito por conta do seu jeito irreverente de ser. Num de seus empregos no Banco Boavista conta que foi demitido porque “ficava amarrado andando de elevador pra baixo e pra cima”. Depois passou para o setor de aviação e trabalhou na Loyd Aéreo, Cruzeiro do Sul e Varig além da PanAir do Brasil. Nesta última tinha momentos de descontração e exibição de talento, em pleno voo:

(...) eu era chefe de equipe, e naquela época eu tinha uma voz muito fina e imitava Dalva de Oliveira. Íamos para a cauda do avião, depois de servirmos à todos, para eu cantar as músicas da Dalva e também para imitar o Elvis Presley. Eu sempre cantava e gostava de ver o Elvis cantando e dançando. (Schiller, 1997 p. 24).

Na Varig devido ao seu estilo andrógono, acabou sendo demitido. Segundo seus superiores aquele comportamento não era compatível com a função de um comissário de bordo. Seguei diz que seu trabalho na aviação foi que permitiu conhecer muitos lugares pelo mundo. Morou em *Long Island* nos Estados Unidos onde teve contato com diversos estilos musicais como o *jazz*, *blues*, *boogie woogie*, e o *rhythm and blues* (Pinheiro, 2015) além de ter *Ray Charles* como sua referência. Nessa época, tinha uma banda lá, a *The Centaurs*, e participou de diversos festivais estudantis.

A carreira de roqueiro começou em 1966 com a gravação do compacto “As alucinações de Sergei⁴” e “Eu não volto mais”. Seus trabalhos não obtiveram êxito comercial, mas o que chamava mesmo a atenção eram suas performances no palco. Seus trejeitos mimetizavam e traduziam também a contracultura e o rock, dois estilos comportamentais e musicais emergentes na época. O artista fazia um grande contraponto aos expoentes da Jovem Guarda (Pinheiro, 2015) com seus comportados terninhos.

Eram tempos de ditadura no Brasil e censura a diversos tipos de manifestações, principalmente as que indicavam direções opostas ao que o país entendia como *status quo*.

⁴ Nesse trabalho o produtor musical sugere a mudança do nome, excluindo a letra “u”, por isso o nome é Sergei.

Em 1967 Serguei apareceu na revista Intervalo⁵ ao protestar em cima de uma estátua no Rio de Janeiro, com o rosto maquiado defendendo a Liberdade de imprensa o direito de “ser jovem e feliz” e criticando a Guerra (na época, a do Vietnã). Décadas mais tarde, numa entrevista à um programa de TV, relataria que neste episódio, quando os militares o prenderam acusando-o de comunista, ele teria mostrado uma tatuagem da bandeira dos Estados Unidos no seu braço e que isso teria determinado sua libertação.

Seguei nesta época não era aceito por nenhum dos lados, pois era muito transgressor para os militares e o padrão cultural vigente, mas alienado, de acordo com os valores da esquerda, que viam na estética do rock que Serguei propunha, um pacto com os valores imperialistas.

Figura 2 – Serguei como comissário de bordo



Fonte: Serguei News Blogspot.

SERGUEI ROCK SHOW – PEQUENAS CRISES NAS DICAS DE SEXO

Serguei estreou em 2011 o programa Serguei Rock Show, na Multishow, canal pago de TV, pertencente às organizações Globo. Nos onze episódios do programa, ele

⁵ A revista Intervalo circulou nos anos 1960 e 1970 dedicava reportagens aos astros e estrelas da televisão brasileira. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2013/05/24/noticias-da-telinha/?topo=13,1,1,,13>. Acesso em 27 mai 2016.

protagonizava diversos quadros, desde conselhos da vida em geral, passando por análise crítica de bandas e histórias sobrenaturais, até as dicas de sexo, quadro fixo nos episódios e objeto de nossa análise aqui neste artigo. Na figura 3 temos Serguei do lado direito do vídeo, de olhos fechados e um rapaz falando algo ao seu ouvido. O balão com a inscrição “Dicas de sexo” denota que a pessoa está fazendo alguma pergunta ou “soprando” alguma informação sobre o assunto. Logo em seguida surge Serguei dando a sua dica:” Pra transar, pra transar, assim, quem tiver doente pode ir à farmácia e comprar Viagra, né? Ou similares. Quem não tiver doente, vai que nem eu, na cara de pau, do jeito que é, entendeu? Alguma coisa sobe, alguma coisa desce, o que desce sobe, normal, como outra pessoa qualquer”.

O que se percebe nessa recomendação é, em primeiro lugar, a coerência de uma personalidade exótica com a enunciação à respeito de algo natural de um comportamento de base contracultural, ou seja, não é novidade vindo do próprio personagem. O que estabelece no entanto, a pequena crise, em Gumbrecht, é o caráter de quebra de ordinariedade nas cenas do programa. O que se poderia esperar em relação ao quadro “Dicas de Sexo” seria, talvez, algo que mostrasse a sexualidade nas mais diversas formas de expressão (desde kamasutra, por exemplo, até certos tipos de comportamento sexual). No entanto, a dica se mostra demasiado *nonsense* e essa característica é que faz da cena a pequena crise do episódio pois, rompe com a expectativa que esperamos de um aconselhamento, mesmo vindo de alguém sob a pecha de hippie ou outro expoente *beatnik*⁶.

⁶ Os Beatniks foram um movimento sociocultural nos anos 1950 e princípios dos anos 1960 que subscreveram um estilo de vida anti-materialista, na sequência da 2.ª Guerra Mundial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beatnik>. Acesso em 27 mai 2016.

Figura 3 – (Dicas de Sexo: vinheta episódio 1)

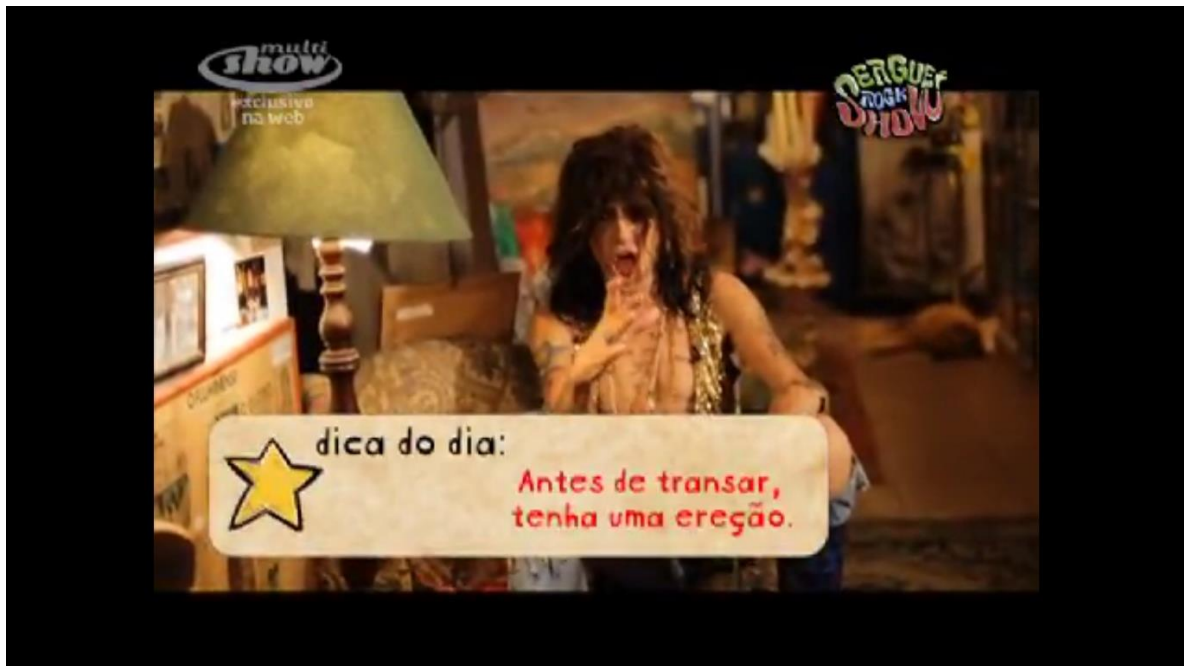


Fonte: Serguei Rock Show.

No quadro seguinte (figura 4) ele dá sequência às suas dicas: “Eu acho o seguinte, antes de transar, é muito legal ter uma ereção, sabia? Tem que ter uma ereção, antes de transar. É isso aí.”

Ou seja, o que seria condição para o ato sexual (pelo menos os que envolvessem a figura masculina) convencional, Serguei faz questão de afirmar quase que o óbvio: tem que ter uma ereção. Claro que isso causa estanhada no (tele)espectador, o que Gumbrecht (2006) aponta como o compartilhamento da condição de excepcionalidade das experiências estéticas.

Figura 4 – episódio 1 (Antes de transar, tenha uma ereção)



Fonte: Serguei Rock Show.

Já no episódio 2 (figura 7), Serguei é taxativo: “é proibido tocar funk na suruba⁷!” Para ele: “Funk tem que ser proibido na suruba, porque senão você fica broxa. O pau não levanta você não sabe por que. Agora, se toca rock n’roll vem o tesão da guitarra, da coisa em si, aí já, todo mundo é capaz de gozar antes do tempo. Então rock n’roll é o ritmo e o som da suruba. Além de ser estilo de vida.”.

Nessa dica o cantor (re)coloca o rock and roll na sua origem estética-comportamental – a tríade: sexo, drogas e rock and roll. Para quem viveu os primeiros anos (e intensamente, até hoje) desse estilo de vida, pensar o ato sexual com outro ritmo, como no caso, o funk soaria como insulto. No seu conselho o roqueiro então mostra que na festa (suruba) tem que ter o elemento que dá “sabor” (energia), ou seja, o rock and roll. O próprio estilo musical, com seus instrumentos, por vezes são metáfora da sexualidade humana. A guitarra, por exemplo é um objeto fálico e os solos que os músicos fazem com ela, podem

⁷ As palavras chulas descritas aqui no texto são importantes para caracterizar a figura do artista (outras aparecerão no decorrer do texto). Alguns diálogos foram suprimidos por contê-las em demasia mas nas que optamos por manter, isso se deve a força da expressão narrativa.

soar como um momento onanístico⁸ em determinado sentido. Portanto, nessa dica, a proposta da substituição do funk pelo rock demonstra a coerência com o próprio nome do programa, colocando o rock em perspectiva e fazendo dele um sujeito mediador de comportamentos, no caso, do underground “old school” para o novo pós moderno.

Além disso, a cena coloca o plano fechado na figura de Serguei, olhando diretamente para a câmera, com aspecto profético, sentado numa poltrona com um castiçal ao fundo, evocando sua figura contestatória (estética e conceitual) do padrão social vigente.

Figura 7 – episódio 2 (Funk tem que ser proibido na suruba)



Fonte: Serguei Rock Show

No programa de número 3 (figura 8) Serguei dá a dica essencial do dia: “(...) Nunca se tranquem demais no armário! Abram a porta do armário e avancem em quem, sei lá, vocês quiserem (...).”. O termo “sair do armário” denota a condição de alguém que se assumiu homossexual, ou, mais além, que revelou a sociedade sua (nova) condição sexual (e de gênero). Na dica do episódio 3 no entanto, Serguei maximiza a intenção de esconder a sexualidade na frase “nunca se tranquem demais...”. Quer dizer, para ele as pessoas estão todas enrustidas existindo portanto, uma gradação entre ficar no armário por muito ou

⁸ Referência à onanismo, que é a automasturbação masculina; sensação de prazer sexual causada pelo estímulo aos próprios órgãos genitais. Interrupção do ato sexual antes da ejaculação. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/onanismo/>. Acesso em 27 mai 2016.

pouco tempo (ou além do tempo). Ele diz na sequência, como que num arroubo de liberdade: “avancem em que vocês quiserem”, ou seja, quando não der mais para segurar, explodam e exerçam a liberdade de expressão – e a vivam ao máximo.

Nesse trecho as pequenas crises (Gumbrecht, 2006) aparecem na modulação dos termos utilizados pelo cantor pois na trivialidade do cotidiano, quando se aborda o tema “sair do armário” isso é feito (e recomendado) aos poucos, com passos curtos, com cuidado, sem querer expressar o choque, sem a intenção de magoar alguém com tal revelação. No entanto, Serguei já aconselha o escancaramento da situação e isso representa a extraordinariedade do quadro do programa. É a “comida chique” de Gumbrecht (e é também a “fratura”⁹ em Greimas, 2002).

Figura 8 – episódio 3 (nunca se tranquem no armário)



Fonte: Serguei Rock Show.

No quarto episódio (figura 9), Serguei dá sua dica expondo toda a visceralidade hippie que sempre carregou: “Se você viu o namorado da sua irmã, aí de repente, você achar que ele é interessante, nunca transe sem tesão, sem vontade, porque isso aí, é o fim da picada. Se você tiver vontade, ataca, segura, puxa pra você e divirta-se, meu bem.”.

⁹ O conceito de fratura foi cunhado por Greimas (2002). Faz um paralelo com Gumbrecht (2005) nas pequenas crises, denotando momentos de interrupção das isotopias cotidianas, desvelando assim, experiências estéticas.

Nesse conselho, Serguei repete o tom de rebeldia do programa anterior no mesmo imperativo: “Nunca transe sem tesão”. Essa dica, aparentemente óbvia, revela-se profundamente necessária nos dias de hoje, onde a sexualidade – sempre objeto de consumo – tomou contornos cada vez mais mercantis, com o advento de sites de encontros (e pornô) e a disseminação dos nudes nas redes sociais. Sintoma da época é o desinteresse de uma editora brasileira em continuar a publicação da revista Playboy, ícone do *sexy appeal* (versão *light*) no mundo todo. Ou seja, o nu, como expressão da sexualidade e impulsionador do desejo, especialmente o masculino, deixou de ser o elemento surpresa e sim, do convencional.

Num momento em que falta vontade de tudo, não só em relação ao sexo, o recado de Serguei ultrapassa o âmbito da dimensão sexual: para transar (para fazer algo, construir, ser alguém etc) é preciso ter tesão (garra, vontade, força, luta).

Figura 9 – episódio 4 (nunca transe sem tesão)



Fonte: Serguei Rock Show.

Por fim, no episódio 5 Serguei fecha a sequência das cenas aqui analisadas com: “transem todos os dias”. E em sua preleção, ele invoca a saúde à sua maneira (irreverente, *sui generis*): “Se você quiser ter uma vida saudável, transe todos os dias. Se você não tiver com quem transar, depende da pessoa, eu não sei (...) usar as mãos (...) eu acho que isso aí é que também evita muito cancer de próstata.”.

Nesse episódio, Serguei mostra que a saúde passa pela sexualidade e que o ato sexual deve ser praticado, até para evitar doenças (no caso o cancer de próstata que, para a medicina, pode ser afastado com a prática da masturbação¹⁰, por exemplo).

A identificação com o conceito de Gumbrecht aqui acontece pelo estranhamento (conceito este formulado por Greimas, 2002), ou seja, aquilo que rompe com o padrão esperado, pois dizer para “transar todos os dias” como dica de sexo, sem algo específico, deixando um vazio e, de certa forma, frustrando expectativas, é ir contra comentários clichês sobre o tema. Serguei então, mostra sua irreverência nessa “orientação sexual” deixando claro que o óbvio ordinário tem efeitos ainda mais amplos que o que aparenta.

Figura 10 – episódio 5 (transe todos os dias)



Fonte: Serguei Rock Show.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pequenas crises de Gumbrecht podem ser visualizadas nas mais diversas experiências estéticas. No texto do autor (2006) os exemplos vem da literatura (porque trata-se provavelmente de um teórico da área) em sua maioria, mas tais ilustrações podem

¹⁰ A prática da masturbação pode ajudar a prevenir o câncer de próstata. Estudos recentes mostraram que quanto mais ejaculações os homens têm entre 20 e 50 anos, menor é a chance de tumor na próstata. De acordo com esses estudos, ejacular evita o acúmulo de substâncias cancerígenas na próstata. Disponível em: <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/masturbacao-ajuda-a-prevenir-o-cancer-de-prostata-/4043/684/>. Acesso em 27 mai 2016.

ser vistas também em filmes ou programas de TV, como foi o caso do nosso objeto de estudo.

Essa quebra do fluxo contínuo do cotidiano que Gumbrecht aponta, fica claro em diversas cenas do programa analisado, e muitas outras passagens poderiam ser aqui expostas o que não é possível devido a exiguidade de espaço. Outros momentos poderiam exemplificar tanto ou mais o que o autor vê como pequenas crises mas os fragmentos escolhidos também o mostram como tal.

Por sua irreverência, originalidade e estilo de vida e história, Serguei pode ser e dizer diversas coisas que parecem óbvio na essência mas que, pela forma, mostram um valor estético bastante importante. Por isso, em cada dica de sexo, o artista mostra as rupturas da logicidade e ordinariedade da sequência fílmica com sua narrativa aparentemente nonsense, o que na essência, já provoca o estranhamento, o riso, o impacto do momento, a pequena crise.

REFERÊNCIAS

GREIMAS, A.J. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GUMBRECHT, H. **Pequenas crises**: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARAES, C; LEAL, B; MENDONÇA, C. (Org.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006. p. 50-63.

PINHEIRO, I. F. **Não fale com as paredes**: contracultura e psicodelia no Brasil. 2015. 238f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.

SERGUEI NEWS. BLOG. Disponível em: <http://sergueinews.blogspot.com.br/2015/09/serguei-jovem-guarda.html>. Acesso em: 25 mai 2016.

SCHILLER, J.H. **Serguei**: O anjo maldito. São Paulo: CZA Editora, 1997.

UOL. Disponível em: <http://virgula.uol.com.br/musica/de-erasmo-carlos-a-anita-tijoux-e-rico-dalasan-saiba-o-que-assistir-na-virada/#img=1&galleryId=985692>. Acesso em 25 mai 2016.